

**CRÓNICAS CONVENTUAIS DE *FUNDAÇÃO*:
ESPECIFICIDADES E MODELOS**

**CONVENTUAL CHRONICLES OF *FOUNDATION*:
SPECIFICITIES AND MODELS**

Carla Avelino

Centro de Estudos Interculturais, ISCAP-P.PORTO, Portugal

carlavelino.pt@gmail.com

RESUMO: Ao longo de Seiscentos e Setecentos, as crónicas conventuais produzidas com o intuito de reavivar memórias edificantes de tempos pretéritos, respeitantes a instituições monásticas plurais, foram ganhando expressão, graças (de entre outros fatores) ao incremento da produção editorial que marcou a Época Moderna. O tratamento literário do texto de Soror Antónia Baptista - *Livro da Fundação do santo Convento de nossa Senhora da esperança de Villa viçosa e de algũas plantas que em elle se criarão pera o ceo dignas de memoria*, concluído em 1657, remete para a inserção da sua obra no panorama de escrita conventual feminina, do séc. XVII, com recurso a modelos coetâneos, redigidos em condições semelhantes e com intenções aproximadas.

PALAVRAS-CHAVE: espiritualidade, mulheres, escrita feminina, escrita monástica, clarissas, crónicas

ABSTRACT: Over the course of Six hundred and Seven hundred, the conventual chronicles produced in order to revive uplifting memories of past times concerning plural monastic institutions, were gaining expression, thanks to (among other factors) the increase in editorial production that marked the Modern Era. The literary treatment of the text of Soror Antónia Baptista - *Livro da Fundação do santo Convento de nossa Senhora*

da esperança de Villa viçosa e de algumas plantas que em elle se criarão pera o ceo dignas de memorea, completed in 1657, send the insertion of his work in the panorama of female convent writing, of the 17th century, using contemporaries models, drawn up under similar conditions and with approximate intentions.

KEY WORDS: spirituality, women, women's writing, monastic writing, Poor Clares

Crónicas conventuais de *fundação*: especificidades e modelos

Ao longo do séc. XVII as várias Ordens religiosas - franciscanas, cistercienses, dominicanas, agostinhas, beneditinas - mostraram interesse em coligir relatos historiográficos impulsionados “pela fragmentação nacionalista da Europa, as preocupações humanistas de redescoberta erudita e diálogo com o passado, bem como as dificuldades decorrentes das reformas religiosas”¹.

Estas narrativas memorialísticas conventuais, relatadas geralmente nas crónicas monásticas de autoria masculina, constituem um repositório das memórias institucionais e das vidas edificantes que habitaram esses espaços. São textos que permitem o estabelecimento de um perfil sociológico e económico da comunidade, das relações internas estabelecidas entre religiosas ou do seu contacto com o exterior, ao mesmo tempo que constroem uma identidade espiritual de cada casa, pela referência à manifestação de fenómenos extraordinários das religiosas (visões, sonhos, milagres, premonições), pelo testemunho do diretor espiritual ou confessor, pelo detalhe dos ideais de virtude e santidade², pela descrição de rituais, rotinas, devoções, relíquias, confrarias, etc³. Estes *livros de fundação* servem, assim, um propósito histórico e identitário que ao eternizar as figuras que traz à memória, perpetua simultaneamente a história dos conventos evocados, que serviram de cenário à passagem dessas vidas.

¹ Luís de Sá FARDILHA, "Uma Introdução à História Seraphica, na Província de Portugal", *Quando os Frades Faziam História*, Centro Interuniversitário de História da Espiritualidade, Porto, 2001, p. 105.

² Cf. Lígia BELLINI, "Vida Monástica e Práticas da Escrita entre Mulheres em Portugal no Antigo Regime", *Campos Social*, Departamento de História, Universidade Federal da Bahia, Brasil, 2006/2007, 3/4, p. 212.

³ Cf. Isabel dos Guimarães SÁ, "Portas adentro: comer, vestir a habitar na Península Ibérica (ss. XVI-XIX), Imprensa da Universidade de Coimbra, 2010.

Como em qualquer crónica conventual coeva (ou "Livro de Fundação", na ausência de melhor classificação taxonómica), sobressaem, num primeiro momento, referências às origens e fundação de um convento e, num mesmo plano de importância, relembram-se vidas pretéritas, que se pretendem modelares, influenciadas por desígnios políticos, culturais, sociais e religiosos, que largamente determinaram e condicionaram o papel das mulheres nos tempos modernos.

Através do *Livro da Fundação do santo Convento de nossa Senhora da esperança de Villa viçosa e de algũas plantas que em elle se criarão pera o ceo dignas de memoria*, concluído em 1657, pelas mãos de Soror Antónia Baptista, freira clarissa professa no mesmo convento, tentemos explanar sobre a sua filiação a obras coevas, uma vez que este texto segue a esteira do filão da escrita conventual feminina direcionada para as obras de fundação, implicando um estudo teórico que visa explorar o incremento da produção editorial da Idade Moderna e todos os contornos a ela atinentes. Importa perceber em que moldes aconteciam, se davam a conhecer e com que objetivos se produziam os textos coetâneos ao de Soror Antónia.

A iniciativa cronística desta religiosa inscreve-se, pois, num movimento generalizado de contornos internacionais, embora o seu texto não tenha conhecido as honras do prelo. A autora reflete no seu texto, de forma deliberada ou não, modelos de escrita e diferentes tipologias de outros textos. A este propósito, cite-se Isabel Morujão que alerta para que "não esqueçamos que se vivia num tempo de sobreposições culturais e textuais, em que (...) tout le monde imite"⁴. No caso da escrita feminina, esta afirmação adquire maior consistência, se pensarmos que grande parte das fontes disponíveis e recorrentes à época eram de autoria masculina, e que os tipos de textos que circulavam em maior número eram as hagiografias e as biografias devotas e espirituais, as crónicas de mosteiros, diálogos e tratados com vista à formação espiritual. No texto de Soror Antónia percebemos múltiplas marcas que denunciam a influência de leituras plurais, como mais adiante se verá. No entanto, os textos de registo cronístico, quando existiram nos mosteiros femininos, foram muitas vezes aproveitados para a redação de volumosas crónicas de autoridade masculina que silenciavam os fragmentos femininos de que se tinham servido. Aponta Isabel Morujão que:

⁴ Isabel MORUJÃO, "Literatura devota em Portugal no tempo dos Filipes: O Memorial da Infância de Cristo de Soror Maria de Mesquita Pimentel", *Via Spiritus*, 5, *Revista de História da Espiritualidade e do Sentimento Religioso*, Faculdade de letras da Universidade do Porto, 1998, p. 208.

A história dos conventos femininos deve muito aos testemunhos escritos das religiosas, que, muitas vezes, não chegaram até nós, por terem sido plasmados em obras de carácter mais vasto, redigidas por mão masculina que os usou como fonte testemunhal e depois não cuidou da sua preservação⁵.

Muitos destes escritos femininos têm por base a transcrição de registos orais, percecionados pelo tratamento "mnemónico e formular; sendo preferencialmente aditivos, em vez de subordinativos; agregativos, em vez de analíticos; fundados na experiência humana imediata; menos conceituais, tendendo a descrever eventos, em lugar de enunciar proposições"⁶. Soror Antónia manifesta uma franca preocupação quanto à veracidade do seu relato e, por essa razão, tem o cuidado de ir advertindo o leitor da proveniência e natureza dos factos que está a apresentar, principalmente se essas informações provêm de registos orais. Quando tal ocorre, a autora cita, sempre que possível, os nomes de quem os reproduziu ou vivenciou e compromete-os a juramento, como se vê no seguinte fragmento:

Dona maria ana de abreu cortereal dona de esta vila teve hũ movitto de que ficou cõ mui grandes e perigosas dores ã o vêtre que não obedecião a nenhũ remedio pos sobre elle a mâtilha desta madre e logo se achou bẽ de todo. dis o jurara⁷; "e por milagre o jurou ja e dis o fara quantas veses lho pedirẽ⁸.

A importância do registo escrito com base em fontes documentais legitima acrescidamente a escrita destas mulheres, pois se só a informação fundamentada é valorizada, mesmo na historiografia masculina, avalie-se o quanto, nesta época, significaria aventurarem-se as mulheres por este género que não lhes pertencia por princípio. Por outro lado, a recolha de várias fontes escritas congregadas num único texto corrido leva a concentrar e a preservar as memórias. Desta forma, a escrita sobrepõe-se à

⁵ Isabel MORUJÃO, in *Por Trás da Grade; Poesia Conventual Feminina em Portugal (sécs. XVII-XVIII)*, Tese de Doutoramento, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto, FLUP, 2005, p. 125.

⁶ Lúgia BELLINI, "Vida Monástica e Práticas da Escrita entre Mulheres em Portugal no Antigo Regime", *Campos Social*, Departamento de História, Universidade Federal da Bahia, Brasil, 2006/2007, 3/4, p. 211.

⁷ *Livro da Fundação*, "livro tersseiro", fl. 77 v.

⁸ *Livro da Fundação*, "livro tersseiro", fl. 71 v.

vetusta tradição oral que amiúde distorceu tantos acontecimentos por força de relatos intencionalmente deturpados.

O estilo e opção de Soror Antónia Baptista por este género narrativo permitem aferir do conhecimento e interesse da autora pelos textos de cariz historiográfico de matriz religiosa, em voga ao longo do séc. XVII⁹, e pela biografia devota.

Apesar das diferentes titulações que as crónicas de fundação evidenciam (as que possuíam títulos...) - *Tratado, Livro de Fundação, Memoria, Chronica, Memorial, Relação* - estes textos têm todos a mesma intenção memorialística, razão pela qual se inscrevem na mesma caracterização genológica. Não obstante não ter sido Soror Antónia a inscrever o título na sua obra, ao longo dos fólios a autora nomeia o seu texto de "tratado"¹⁰.

Com facilidade percebemos que a autora terá, provavelmente, consultado alguns dignos representantes destes géneros, publicados antes da conclusão da sua obra, como são disso exemplo o *Agiológico Lusitano*¹¹ de Jorge Cardoso, cujo primeiro tomo é publicado em 1652 (data do início da composição do texto de Soror Antónia, entre os quais notamos alguma proximidade no que toca às suas respetivas introduções, como veremos à frente) ou o *Jardim de Portugal*¹², de Frei Luís dos Anjos, algumas vezes citado pela nossa autora, ainda que em jeito de crítica ("que o que se dis ã *jardim de portugal* que ãtão a aceitarão e falsso")¹³. Mas este comentário indica-nos a forma crítica com que leu as obras que tomará, essencialmente, como matrizes, nesses alvares da historiografia da Idade Moderna.

Soror Antónia serve-se de dois géneros literários, a crónica e a biografia devota, para alicerçar a sua obra. É no seu cruzamento que a obra encontra a sua estrutura medular. Enquanto crónica, o texto de Soror Antónia vai-se estruturando de acordo com o ritmo que a História impôs ao percurso da fundação do convento. Será o mesmo que dizer que

⁹ Interesse já notado em finais do séc. XVI, como refere Luís de Sá FARDILHA, (in "Uma introdução à História Seraphica, na Província de Portugal", *Quando os Frades Faziam História*, Centro Interuniversitário de História da Espiritualidade, Porto, FLUP, 2001, p. 105.). De salientar que a publicação do grande marco da cronística franciscana que é a *História Seraphica* foi publicado em 1656, um ano antes da conclusão da obra de Soror Antónia. Pela mesma altura surgem outros escritos similares, como veremos à frente, o que ajuda a perceber a preferência por este tipo de textos na Época Moderna.

¹⁰ O título da obra de Soror Antónia Baptista é inscrito pelas mãos do Doutor Diego Peres Ferreira, um dos autores dos sonetos laudatórios dirigidos à religiosa.

¹¹ Jorge CARDOSO, *Agiológico Lusitano dos santos e varões ilustres do reino de Portugal e suas conquistas*, ed fac-simile Faculdade de Letras Universidade do Porto, com estudo, organização e índices de Maria de Lurdes Correia FERNANDES, Porto, 2002, [1652].

¹² Frei Luís dos ANJOS, *Jardim de Portugal em que se da noticia de algũas sanctas, & outra molheres illustres em virtude, as quais nascerão ou viverão ou estão sepultadas neste reino & suas cõquistas*, impresso em Coimbra em casa de Nicolao Carvalho, 1626.

¹³ *Livro da Fundação*, "livro segundo", fl. 4 r.

a classificação do texto como crónica fica circunscrita ao "livro primeiro" do *Livro da Fundação*, no qual a autora relata cronologicamente os acontecimentos históricos que subjazem às origens do convento.

Os relatos biográficos ocupam os segundo e terceiro livros do texto, isto é, grande parte da obra, através dos quais a autora vai apresentando uma galeria de modelos a imitar (ou simplesmente porque fornecem informações cruciais sobre as rotinas, devoções, rituais, funcionando como observatórios da identidade espiritual que se foi construindo), assinalando as virtudes específicas de cada biografada, dignas de serem relatadas, fornecendo deste modo "um perfil intemporal que sirva de orientação"¹⁴ às freiras suas companheiras e às que se lhe seguissem, nomeadamente às noviças e freiras da escola do convento, como a própria revela no prólogo.

A desproporção do número de capítulos dedicados aos dois temas centrais (fundação e *vidas*) evidencia de imediato a intenção da exemplaridade que a autora pretende testemunhar. Os traços mais distintivos destas vidas centram-se no amor à pobreza e no fervoroso cumprimento da *Regra*, como observa Luís de Sá Fardilha: "a Regra é aqui entendida como fiel depositária do espírito da fundadora das Clarissas e a sua observância é a única forma segura de manter viva a presença de Santa Clara na sua Ordem"¹⁵.

A estruturação interna do texto de Soror Antónia segue o modelo tacitamente estabelecido em documentos do género, utilizado por alguns cronistas, que terão tido como guião o *Memorial da Santa Província dos Algarves*¹⁶, de Frei Rodrigo de S. Thiago, através do qual o franciscano vai propondo fórmulas de tratamento dos assuntos da província e dos seus eremitérios. Das várias informações que deveriam constar na composição de uma crónica, Frei Rodrigo aponta: a descrição do convento, quando foi fundado e por quem; se "havia no convento coisa memorável que se perdesse ou trasladasse para outra parte"; se possuía imagens milagrosas; se havia naquele convento tradições dignas de memória, merecedoras de ficarem registadas, etc. Frei Rodrigo referia

¹⁴ Luís de Sá FARDILHA, "Uma Introdução à História Seraphica, na Província de Portugal", *Quando os Frades Faziam História*, Centro Interuniversitário de História da Espiritualidade, Porto, 2001, p. 109.

¹⁵ Luís de Sá FARDILHA, "Uma Introdução à História Seraphica, na Província de Portugal", *Quando os Frades Faziam História*, Centro Interuniversitário de História da Espiritualidade, Porto, 2001, p. 111.

¹⁶ *Memorial da Santa Província dos Algarves da Ordem Serafica, tomo I, Memorial Primeiro, por Fr. Rodrigo de S. Thiago, no anno de 1615, 1616*, Sta Maria de Jesus de Xabregas, OFM, Província dos Algarves, Província.

ainda a importância de dar conta de todos os religiosos e religiosas falecidos com fama de virtude¹⁷.

Decalcando estas informações de Frei Rodrigo de S. Thiago, Luís de Sá Fardilha explica com algum detalhe os tópicos seguidos na organização das monografias biográficas inclusas na *História Seráfica* de Frei Manuel da Esperança:

1. Determinação das circunstâncias históricas que rodearam a fundação do convento: identidade e motivações dos fundadores ou patronos e levantamento dos textos legais que definem os termos em que se deve organizar a vida comunitária; 2. descrição física dos edifícios e dos locais em que estes se encontram implantados; 3. percurso histórico da comunidade conventual, desde os primórdios até ao presente da escrita, e evocação de eventos relevantes que com ela se relacionam; 4. memórias biográficas de frades ou freiras veneráveis que se encontram de alguma forma ligados ao convento." A estruturação das crónicas monásticas e das biografias devotas de intencionalidade tão definida, levam a supor "que obedecessem então a um estereótipo na construção de modelos hagiográficos"¹⁸.

Esta mesma organização de texto foi seguida por autores cujas obras precederam o texto de Soror Antónia e que, por essa razão, podem, de alguma forma, ter servido de referência à composição do seu *Livro da Fundação*.

Com a ajuda do rol elencado pelo Padre Francisco de Leite Faria em *Santa Clara e as Clarissas em Portugal*¹⁹ e do texto de Teresa Leitão de Barros²⁰, apontemos algumas dessas crónicas monásticas femininas, cronologicamente ordenadas:

- *Memorial dos Mosteiros de Santa Clara de Amarante*²¹, composto por Guiomar dos Anjos, natural de Amarante, em 1592;

¹⁷ Cf. *Memorial da Santa Província dos Algarves da Ordem Seráfica, tomo I, Memorial Primeiro, por Fr. Rodrigo de S. Thiago, no anno de 1615, 1616*, Sta Maria de Jesus de Xabregas, OFM, Província dos Algarves, Província.

¹⁸ Isabel MORUJÃO, *Por Trás da Grade; Poesia Conventual Feminina em Portugal (sécs. XVII-XVIII)*, Tese de Doutoramento, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto, FLUP, 2005, p. 94.

¹⁹ Padre Francisco Leite FARIA, *Santa Clara e as Clarissas em Portugal, VIII Centenário do Nascimento de Santa Clara (1193/94-1993/94)*, Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro, Presidência do Conselho de Ministros, Secretaria de Estado da Cultura, Lisboa, 1994, pp. 65-93.

²⁰ Theresa Leitão de BARROS, *Escritoras de Portugal, Génio feminino revelado na Literatura Portuguesa Vol. I*, Lisboa, 1924.

²¹ Theresa Leitão de BARROS, *Escritoras de Portugal, Génio feminino revelado na Literatura Portuguesa Vol. I*, Lisboa, 1924, p. 229.

- *Livro da fundação do Mosteiro do Salvador da cidade de Lisboa e de alguns casos dignos de memoria que nelle acontecerão*, redigido Madre Soror Maria do Baptista, religiosa dominicana e Priora do Mosteiro do Salvador, em 1618²²;

- *Livro da Fvndação ampliação & sitio do Convento de N. S.ra da Piedade da Esperança da Cidade de Lix.^a: o qual mandou escrever a Abbadeça soror Francisca dos Anjos, no anno de 1620. Sendo Ministro Provincial dos frades menores da observancia o mui Reuerêdo Padre Frey Hieronimo da madre de Ds²³*;

- *Relacion de como se ha fyndado en Alcantara de Portvgal iunto a Lisboa, el muy deuoto Monasterio de N. S. de la Quietacion, por la Catholica Magestad del Rey N. S. D. Phelippe II. de gloriosa memoria para las monjas peregrinas de S. Clara de la primera Regla, venidas de la Prouincia de Alemania Baxa, [...] Compuesta por la Madre Sor Cathalina del Spiritu Sancto Monja del mismo Monasterio. Dirigida a la Serenissima Infanta Sor Margarita de la Cruz, Monja en el Monasterio de las descalças, en Madrid [...]. - En Lisboa: por Pedro Craesbeeck, 1627²⁴*;

- *Tratado da antiga e curiosa fundação do Convento de Jesus de Setubal o primeiro que ouve (!)²⁵ e se fundou neste Reino de Portugal de Religiosas Capuchas chamadas as Senhoras pobres da primeira Regra de Santa Clara. Fundadora Justa Rodrigues Pereyra Ama do Seren. mo Rey D. Manoel do qual são protectores os Reys de Portugal. Composto pella Madre Sor Leonor de S. João Religiosa do dito Convento e Abb.^a anno de 1630*;

- *Noticia da fundação do convento da madre de Deos das religiosas descalças de Lisboa, da primeira regra de nossa madre santa clara. E de algumas cousas, que ainda se puderão descobrir com certeza das vidas e mortes de muitas Madres Santas que ouve nelle, escritas por hua freira do mesmo convento; e dirigida a todas as demais delle, no anno de 1639, Lisboa.*

²² Livro referenciado no *Manual Bibliographico Portuguez de Livros Raros, Classicos e Curiosos*, de Ricardo Pinto de MATOS, 1878.

²³ Padre Francisco Leite de FARIA, *Santa Clara e as Clarissas em Portugal, VIII Centenário do Nascimento de Santa Clara (1193/94-1993/94)*, Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro, Presidência do Conselho de Ministros, Secretaria de Estado da Cultura, Lisboa, 1994, pp. 65-93.

²⁴ Frei Jerónimo de BELÉM refere algumas destas obras. Sobre esta em concreto, acrescenta na *Chronica Serafica*, tomo primeiro, que Soror Catarina do Espírito Santo foi cofundadora e abadessa cinco vezes desse mosteiro em Alcântara que se chamou das Flamengas, mandado construir por Filipe II como refúgio de monjas Clarissas que em Flandres eram perseguidas por protestantes.

²⁵ Exclamação do Padre Francisco Leite de Faria.

Houve, no entanto, outras obras do género que surgiram após a conclusão do *Livro da Fundação* de Soror Antónia Baptista e que atestam do interesse que este tipo de registos históricos continuaram a suscitar no séc. XVIII:

- *Memoria dos Infantes D. Affonço Sanches, e Dona Theresa Martins. Fundadores do Real Mosteiro de Santa Clara de Villa do Conde/ Escritta pelo Padre Fr. Fernando da Soledade, cronista da Ordem de S. Francisco na Provincia de Portugal. Dada ao prelo pela Madre Soror Josefa Maria de Jesus Abbadessa do dito Mosteiro.* - Lisboa Occidental: na Off. de Antonio Manescal, 1726;

- *Historia da Fundação do Real Convento do S. Christo das Religiosas Capuchinhas Francezas, Vidas de suas Fundadoras, e de algumas Religiosas insignes em virtudes, escrita por voto ao mesmo Senhor Crucificado por D. Joseph Barbosa [...] e offerecida á Magestade del Rey D. João V. Nosso Senhor, pela M. Abbadessa, e mais Religiosas do mesmo Convento.* - Lisboa: na Off. de Francisco Luiz Ameno, 1748²⁶;

- *Historia da Fundação do Real Convento do Louriçal de Religiosas Capuchas, Escravas do Santissimo Sacramento, e vida da veneravel Maria do Lado, sua primeira Instituidora, e de algumas Religiosas, que fallecerão no mesmo Convento com opinião de virtude/Escrita, e offerecida a El Rey Nosso Senhor D. João V. pelo Padre Manoel Monteiro, da Congregação do Oratorio, [...].* - Lisboa: na Off. de Francisco da Silva, 1750²⁷;

- *Chronica Serafica da Santa Provincia dos Algarves da regular Observancia de Nosso Serafico Padre S. Francisco, Parte Terceira, em que se trata da Origem, Fundação, e Progressos do Real Mosteiro da Madre de Deos de Xabregas, [...] Comprehende juntamente as Vidas das Fundadoras, e mais Religiosas, que nelle florecêrão em virtudes, [...] Offerecida á sempre Augusta Magestade do Fidelissimo Rey D. Jozé I. Nosso Senhor/ Por Fr. Jeronymo de Belem, Indigno filho, Chronista, e Padre da mesma Provincia.* - Lisboa: no Mosteiro de S. Vicente de Fóra, 1755;

- *Jardim do Ceo* plantado no Convento de Nossa Senhora da Conceição da Cidade de Braga, composto por Maria Benta do Ceo, Lisboa, Officina de Manuel Coelho Amado, 1766;

²⁶ Francisco Leite de FARIA, *Santa Clara e as Clarissas em Portugal, VIII Centenário do Nascimento de Santa Clara (1193/94-1993/94)*, Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro, Presidência do Conselho de Ministros, Secretaria de Estado da Cultura, Lisboa, 1994, pp. 65-93.

²⁷ Francisco Leite de FARIA, *Santa Clara e as Clarissas em Portugal, VIII Centenário do Nascimento de Santa Clara (1193/94-1993/94)*, Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro, Presidência do Conselho de Ministros, Secretaria de Estado da Cultura, Lisboa, 1994, pp. 65-93.

- *Origem e Historia do Convento do Desagravo, o "Conventinho" de Lisboa/ P. José do Nascimento Barreira.* - Braga: Tip. Editorial Franciscana, 1965²⁸.

As obras referenciadas pelo Padre Francisco Leite de Faria foram transcritas *ipsis litteris* como o mesmo as apresentou, destacando-as individualmente. Após esta exposição, o mesmo autor refere, sob a forma de texto corrido, outras obras semelhantes sobre as quais (supomos) terá tido conhecimento passivo, desta feita incluindo o texto de Soror Antónia Baptista, revelando: "havia também o manuscrito da *Fundação do Mosteiro de Nossa Senhora da Esperança de Villa Viçosa*, escrito por Soror Antónia Baptista e que tinha licença para se imprimir, dada em 1657"²⁹. As outras obras que Francisco Leite de Faria aponta sumariamente são: o manuscrito sobre a *Fundação do Mosteiro de N.ª S.ª dos Mártires* em Sacavém, escrita pelo fundador, Miguel de Moura; *Fundação do Convento de S. Vicente da Beira*, 1618; *Memoria da Fundação do Convento do Salvador da Cidade de Évora e de algumas Religiosas de singular virtude do mesmo Convento*, por Nicolau Landim Coelho. O autor alude igualmente a uma edição pioneira que contempla todas as Províncias da Ordem Franciscana e cada um dos seus conventos, que resulta da pena do Padre Francisco Gonzaga, Geral da Ordem Franciscana, dos Observantes Franciscanos, publicada em Roma, em 1587, sob o nome *De origine Seraphicae Religionis*, "ao falar da Província chamada de Portugal e da chamada dos Algarves, dá notícias breves, mas preciosas, sobre cada um da meia centena de Mosteiros de Clarissas dependentes dessas duas Províncias"³⁰.

Não obstante o modelo pré estabelecido que subjaz a estas obras, no que respeita à estruturação formal do texto ou à apresentação dos conteúdos, nem todos os autores deram sequência a essa fórmula. Dos textos acima enunciados destacaríamos quatro que, comparativa ou contrastivamente, refletem essa liberdade dos autores na redação dos seus textos. Será igualmente pertinente relembrar que, apesar do regime estreito de clausura imposto aos conventos femininos, o acesso às obras ou o conhecimento destas ia chegando aos mosteiros, nomeadamente nas casas pertencentes à mesma Província, por via dos contactos com o exterior (através dos padres confessores ou até de relações

²⁸ Francisco Leite de FÁRIA, *Santa Clara e as Clarissas em Portugal, VIII Centenário do Nascimento de Santa Clara (1193/94-1993/94)*, Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro, Presidência do Conselho de Ministros, Secretaria de Estado da Cultura, Lisboa, 1994, pp. 65-93.

²⁹ Padre Francisco Leite de FÁRIA, *Santa Clara e as Clarissas em Portugal, VIII Centenário do Nascimento de Santa Clara (1193/94-1993/94)*, Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro, Presidência do Conselho de Ministros, Secretaria de Estado da Cultura, Lisboa, 1994, p. 74.

³⁰ Padre Francisco Leite de FÁRIA, *Santa Clara e as Clarissas em Portugal, VIII Centenário do Nascimento de Santa Clara (1193/94-1993/94)*, Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro, Presidência do Conselho de Ministros, Secretaria de Estado da Cultura, Lisboa, 1994, p. 75.

próximas com alguns familiares que, apesar de coartadas pela aplicação dos decretos tridentinos, em Portugal não visou tão severamente esta esfera relacional), o que implicará forçosamente interferências mútuas entre textos e autores.

Dos livros que precederam e que, por essa razão, poderiam, eventualmente, ter chegado ao conhecimento e até influenciado a escrita de Soror Antónia Baptista, notamos a proximidade com o *Livro da fundação ampliação & sitio do convento de N. Sra da Piedade da Esperança de Lisboa, o qual mandou escrever a Abbadessa Soror Francisca dos Anjos, no anno de 1620. Sendo ministro Provincial dos frades menores da observantia o muito Reverendo Padre Frey Hieronimo da madre de Deus*. A estruturação entre ambos é muito semelhante: começam por referenciar a fundadora do convento, neste caso D. Isabel de Mendanha; aludem, posteriormente, às razões que estiveram na base da escolha do sítio de implementação do cenóbio e procedimentos envolvidos para tal feito; dá-se conta da morte da fundadora e dos bens que deixa ao mosteiro para sustento das religiosas; relata-se a vinda de religiosas de outras instituições religiosas para formar número compatível para dar início ao funcionamento do convento; narram-se de seguida as vidas das abadessas; o número de religiosas; as relíquias existentes no convento e as eleições trienais das abadessas. Apesar da proximidade entre estes dois exemplares, há uma grande diferença no que respeita a liberdade de composição destas obras, Soror Antónia dá a entender que foi por vontade própria que redigiu as memórias do Convento da Esperança, enquanto o *Livro da fundação ampliação & sitio do convento de N. Sra da Piedade da Esperança de Lisboa* foi redigido por ordem da Abadessa Soror Francisca dos Anjos, a pedido do Padre Provincial Frei Jerónimo da Madre de Deus, como comprova o autor (ou autora) deste texto:

A abadessa mandou escrever a fundação do convento e das religiosas que forão nelle abadessas até ao prezente e das virtudes das fundadoras e de alguas que forão assinaladas em virtude, para cõ seu exemplo exçitar às imitarem, para mais honrra e gloria de Deos³¹.

A proximidade do texto de Soror Antónia ao *Tratado* de Soror Leonor de São João é igualmente notória (inclusive na extensão do documento). No *Tratado da antiga e curiosa fundação do Convento de Jesus de Setubal o primeiro que ouve e se fundou neste Reino de Portugal de Religiosas Capuchas chamadas as Senhoras pobres da primeira*

³¹ *Livro da Fundação ampliação & sitio do convento de N. Sra da Piedade da Esperança de Lisboa, o qual mandou escrever a Abbadessa Soror Francisca dos Anjos, no anno de 1620. Sendo ministro Provincial dos frades menores da observantia o muito Reverendo Padre Frey Hieronimo da madre de Deus*, cap. 1º.

Regra de Santa Clara. Fundadora Justa Rodrigues Pereyra Ama do Seren. mo Rey D. Manoel do qual são protectores os Reys de Portugal. Composto pella Madre Sor Leonor de S. João Religiosa do dito Convento e Abb.ª anno de 1630, dividido em cinco partes, a abadessa expõe "Ao Leitor" que tomou a seu cargo a redação da fundação do convento por duas razões: por força do ofício que desempenhava e "por senão perderẽ lembranças tamdignas de eterna memoria que em varios papeis e purgaminhos andavão espalhadas". Para além disso, propõe-se relatar, tal como Soror Antónia Baptista,

Quem foi a primeira fundadora desta casa, e o principio que teve, quais os protectores e finalmente as muitas Relligiosas que em virtudes notaveis e exemplos e obras maravilhosas nelle floreceirão, assy de Relliquias, como cousas particulares e devotas³².

O elemento dissonante da obra de Soror Antónia (coincidente com o anterior exemplo citado) é que também Soror Leonor de São João redigiu o seu texto a pedido de Frei Luís dos Anjos, o Provincial dos Algarves (por duas vezes, 1610-13 e 1623-26).

Numa perspetiva contrastiva, a *Noticia da fundação do convento da madre de Deos das religiosas descalças de Lisboa, da primeira regra de nossa madre santa clara. E de algumas cousas, que ainda se puderão descobrir com certeza das vidas e mortes de muitas Madres Santas que ouve nelle, escritas por hua freira do mesmo convento; e dirigida a todas as demais delle, no anno de 1639, Lisboa*, cuja autoria se atribui à Madre Maria do Sacramento, apresenta-se com o objetivo de mitigar "a mágoa de ver hir esquecendo"³³ as memorias notáveis do convento, destacando as diligências fundacionais levadas a cargo pela rainha D. Leonor³⁴. O texto é dividido em oito práticas, sob a forma

³² *Tratado da antiga e curiosa fundação do Convento de Jesus de Setubal o primeiro que ouve e se fundou neste Reino de Portugal de Religiosas Capuchas chamadas as Senhoras pobres da primeira Regra de Santa Clara. Fundadora Justa Rodrigues Pereyra Ama do Seren. mo Rey D. Manoel do qual são protectores os Reys de Portugal. Composto pella Madre Sor Leonor de S. João Religiosa do dito Convento e Abb.ª anno de 1630, "Ao Leitor".*

³³ *Noticia da fundação do convento da madre de Deos das religiosas descalças de Lisboa, da primeira regra de nossa madre santa clara. E de algumas cousas, que ainda se puderão descobrir com certeza das vidas e mortes de muitas Madres Santas que ouve nelle, escritas por hua freira do mesmo convento; e dirigida a todas as demais delle, no anno de 1639, Lisboa, "Prologo".*

³⁴ A "Rainha das Misericórdias," após ter enviuvado de D. João II, a princesa mais rica da Europa - vive no apogeu da expansão marítima - empregou a sua fortuna na prática caritativa, patrocinando várias obras religiosas de entre as quais a construção do Convento da Madre de Deus, em 1509, onde acabou por professar na Primeira Regra de Santa Clara e onde ordenou ser sepultada em campa rasa, para que todos a pudessem pisar, sinal extremo de humildade, (Ivo Carneiro de SOUSA, *A Rainha da Misericórdia na história da espiritualidade em Portugal na Época do Renascimento*, Tese de Doutoramento apresentada à Faculdade de Letras do Porto, Porto, MCMXCII.).

dialogada, supostamente baseadas em conversas reais, estabelecidas entre as religiosas (quando tal lhes era permitido).

Após 1657 (data de conclusão da obra de Soror Antónia Baptista), outros autores assumem os mesmo propósitos, em moldes semelhantes. Destacaremos, a título de exemplo, mais uma composição que se aproxima da obra de Soror Antónia, no que concerne a organização temática e estruturação formal, resultando, desta feita, de mãos masculinas:

a Historia da Fundação do Real Convento do Louriçal de religiosas Capuchas, Escravas do Santissimo Sacramento, e vida da veneravel Maria do Lado, sua primeira instituidora, e de alguma Religiosas, que fallecerão no mesmo Convento com opinião de virtude. Escrita, e offerecida a ELREY Nosso Senhor D. João V. pelo Padre Manoel Monteiro da Congregação do Oratorio (...), Lisboa: na officina de Francisco da Silva. Anno de MDCCL.

O autor começa por trazer à memória as origens do convento e, posteriormente, evoca as freiras que morreram com opinião de virtude. O Padre Manoel Monteiro aproveita o "Prologo" para advertir os leitores da importância destas obras no semear de exemplos virtuosos que se pretendem ver replicados por todos:

Ultimamente, como da lição de semelhantes livros se tem visto no mundo grande fructo em todos os seculos, pedimos aos Leitores, que fação em si fructuosos os exemplos; porque tambem deste modo se fará completo o nosso intento, e fructuoso o nosso trabalho³⁵.

Não cabendo nos objetivos deste artigo um levantamento exaustivo de todas as obras de fundação, seleccionou-se uma amostra representativa de textos que ilustram a variedade de obras (essencialmente) de autoria feminina e preferencialmente clarissa, que visaram os mesmos propósitos fundacionais e biográficos do *Livro de Fundação* de Soror Antónia Baptista.

³⁵ *Historia da Fundação do Real Convento do Louriçal de religiosas Capuchas, Escravas do Santissimo Sacramento, e vida da veneravel Maria do Lado, sua primeira instituidora, e de alguma Religiosas, que fallecerão no mesmo Convento com opinião de virtude. Escrita, e offerecida a ELREY Nosso Senhor D. João V. pelo Padre Manoel Monteiro da Congregação do Oratorio (...), Lisboa: na officina de Francisco da Silva. Anno de MDCCL, in "Prologo".*

Referências

- Baptista, S. A. (1657). *Livro da Fundação do santo Convento de nossa Senhora da esperança de Villa viçozza e de algũas plantas que em elle se criarão pera o ceo dignas de memoria/composto por Soror Antónia Baptista, indigna Religioza do ditto Convento dedicado a mag.de el Rei Dom João o 4º nosso Senhor e Padroeiro do mesmo Convento*, BN, cod.1234.
- Amorim, I., Osswald, M., H., Pólonia, A. (2005) *Em Torno dos Espaços Religiosos - Monásticos e Eclesiásticos, Actas do Colóquio de Homenagem a Frei Geraldo Coelho Dias*, Instituto da História Moderna - Universidade do Porto, Porto.
- AA.VV. (1999). *Lusitânia Sacra, Revista do Centro de Estudos e História Religiosa*, "Sentimento, Religião e Política na Época Moderna", 2ª série, t.11, Universidade Católica Portuguesa.
- AA.VV. - *Península, Revista de Estudos Ibéricos*, Instituto de Estudos Ibéricos, Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- AA.VV. (2001). *Quando os Frades Faziam História, de Marcos de Lisboa a Simão de Vasconcelos*, Centro Interuniversitário de História da Espiritualidade, Porto.
- Abreu, M., Z., G. (2007). *O Sagrado Feminino, da Pré-História à Idade Média*, Lisboa, Edições Colibri.
- Almeida, F. (1967). *História da Igreja em Portugal*, Nova Ed. Preparada e Dirigida por Damião Peres, Portucalense Editora, Porto.
- Belem, P. & F. J. (1750). *Chronica seraphica da santa provincia dos Algarves da Regular Observância do nosso seráfico P.e S. Francisco(...)*, pelo padre Frei Jeronymo de Belem, Lisboa, na oficina de Ignacio Rodrigues, BPMP.
- Caeiro, M., M. (2006). *Clarissas em Portugal. A Província dos Algarves. Da Fundação à Extinção. Em Busca de um Paradigma Religioso Feminino*, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa.
- Carvalho, J., A., F. (2007). *Lectura Espiritual en la Península Ibérica (Siglos XVI y XVII)*. "Programas, Recomendaciones, Lectores, Tiempos y Lugares", SEMYR-CIUHE, Salamanca.
- . (2007). *Poesia e Hagiografia*, Centro Inter-Universitário de História da Espiritualidade, Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

- Gómez, C., A. (2003) "Escrito en Prisión. Las Escrituras Carcelarias en los Siglos XVI y XVII", in *Península, Revista de Estudos Ibéricos*, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, n.º 0.
- Conde, A., F. (2009) *Cister a Sul Do Tejo, o Mosteiro de S. Bento de Cástris e a Congregação Autónoma de Alcobaça (1567-1776)*, Lisboa, Edições Colibri.
- Conceição, F., A. (1740) *Claustro Franciscano erecto no dominio da coroa Portugueza e estabelecido sobre dezeseis Venerabilissimas Columnas (...)* Religioso Leigo Capucho da Provincia da Conceição em o Estado do Brasil, Lisboa Occidental: na officina de Antonio Isidoro da Fonseca.
- Dias, J., S., S. (1960) *Correntes do Sentimento Religioso em Portugal* (Sécs. XVI-XVIII) Tomo I, Coimbra, Universidade de Coimbra.
- Espanca, P.e Rocha, J., J. (1892) *Memórias de Vila Viçosa*, Vol. I, cap. VIII e *Compêndio de Notícias de Vila Viçosa*.
- Espanca, T. (1970). *Mosteiros de Vila Viçosa*, no 7º Centenário da Fundação de Vila Viçosa, Évora.
- Fernandes, M. L. C. (1999). *Jardim de Portugal*, Frei Luís dos Anjos, Porto, Edição de Maria de Lurdes Correia Fernandes, Campo das Letras - Editores SA.
- Gras casanovas, M. (2013). "Patronage Feminí i Fundació de Convents. El Convent de la Immaculada Concepció de Carmelitas Descalces de Barcelona (1589)", in *Redes Femininas de Promoción Espiritual en los Reinos Peninsulares (S. XIII-XVI)*, Universitat de Barcelona, Viella.
- Kessel, E. S. V. (1991). "Vierges et Mères entre Ciel et Terre", *Histoire des Femmes en Occident (XVI- XVIII siècles)*, sous la Direction de Georges Duby et Michelle Perrot, Plon.
- Loupès, P. (2005) "Bordeaux, Métropole des Dévotions Tridentines", *Em Torno dos Espaços Religiosos - Monásticos e Eclesiásticos*, *Actas do Colóquio de Homenagem a Frei Geraldo Coelho Dias*, Instituto da História Moderna, Porto, Universidade do Porto.
- Machado, D. B. (1887). *Bibliotheca Lusitana, História, Critica e Chronológica, na qual se comprehende a noticia dos Authores Portuguezes, e das Obras, que compozerão desde o tempo da promulgação da Ley da Graça até o tempo presente*, todos os tomos, Lisboa, na Officina Patriarcal de Francisco Luiz Ameno, MDCCLIX, BPMP.

- Morujão, I. (2013). *Por Trás da Grade; Poesia Conventual Feminina em Portugal (Sécs. XVI-XVIII)*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda (tese de Doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto em 2005).
- . (2008). "Morrer ao Pé da Letra: Relatos de Morte na Clausura Feminina Portuguesa", *Via Spiritus, Revista de História da Espiritualidade e do Sentimento Religioso*, Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- Poutrin, I. (1995). *Le Voile et la Plume. Autobiographie et Sainteté Féminine dans L'Espagne Moderne*, Madrid, 1995.
- Sánchez, L., J., L., (1988) *Mujeres, Conventos y Formas de la Espiritualidad Barroca*, Madrid, Fundación Universitaria Española.
- Soledade, F., F. (1721) *História seráfica chronologica da Ordem de S. Francisco na Provincia de Portugal*, tomos I, II, III e IV, na Officina de Manoel e Joseph Lopes Ferreyra, MDCCIX, BN: purl.pt/20706; BPMP.
- Zarri, G. (2000) *Recinti, Donne, Clausura e Matrimonio nella Prima Età Moderna*, Il Mulino.